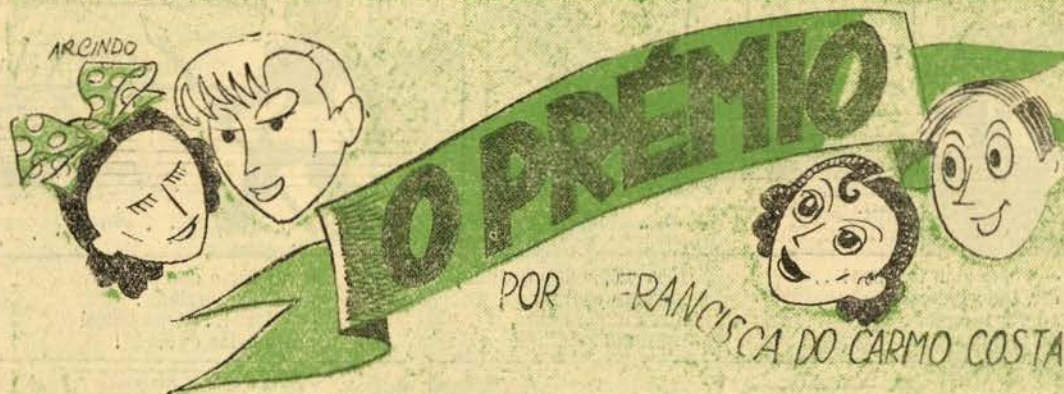




DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA



EM casa do tio João havia, naquela quinta-feira, um grande alvoroço.

Todos os seus sobrinhos, que em todas as ocasiões se mostravam igualmente dispostos para um plano de folguédos, ou mais ou menos sabedores do que lhes convinha para brincar, apresentaram-se em casa do tio com uma carinha de quem é senhor dum grande segredo.

Os pequenos guardavam pelo tio um grande respeito, e, o que é mais de notar, uma admirável confiança em lhe entregar a própria direcção dos seus divertimentos.

Ora, na semana anterior, quando o Alberto, que é sempre o mais esperto, perguntou:

— «O que vamos fazer para nos divertir?»

O tio João, que parecia sempre adivinhar as preocupações dos pequenos, aproveitou o momento para lhe dizer:

— «Mesmo para as crianças, a vida não é só brincar!»

O José, que pretendia fazer bonita figura, tomou um aspecto marcial e disse:

— «Diga, meu tio; o que nos convirá estudar e que nos possa distrair?»

O tio João ficou muito contente com esta magnífica saída do sobrinho.

Levantou-se, passou algum tempo e, por fim, respondeu:

— Gostei muito, José, que os meus sobrinhos se mostrem tão bem educados e me tenham dado uma prova de que, com boa vontade, são capazes de sacrificar um dia de brincadeira, ao estudo. No entanto já que se elevaram a essa compreensão julgo chegado o momento de vos poder dizer que o estudo só por si não tem merecimento algum, se não for acompanhado por uma boa educação moral.

Os seus sobrinhos quero-os alegres e por isso gosto que se divirtam. Desejo que se mostrem instruídos e assim

acompanho com muito interesse os seus estudos. Mas serão eles generosos?

Os pequenos, ao ouvirem esta última frase, entusiasmaram-se e quiseram, todos ao mesmo tempo, qualquer coisa que mostrasse bem a bondade do seu coração.

O tio fez-lhes um sinal de atenção e prosseguiu:

— «Na próxima quinta-feira, poderemos ter aqui um lindo divertimento. Consiste êle em apurar quem será o premiado dum interessante jogo para o qual terá melhores condições de vitória aquele que possuir, no momento, melhor delicadeza de coração. Trata-se de saber quem, diante de todos, melhor exerceu a caridade.

Próximo da nossa casa há gente necessitada de toda a espécie de auxílios.

A primeira vista, os meus sobrinhos talvez não possam muito, mas sempre lhes



(Continua na página 6)

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...



Pretinho magano,
em certo
deserto
africano,

achando uma caixa,
rápido se agacha
e, como um herói,
aos ombros a põe.



Mas, nisto, curioso,
coloca-a na areia
e vê que está cheia
de joias e ouro.



— « Que rico tesouro!... »
diz, todo baboso,
ao vêr a maleta
de joias repleta.

Mas vai, senão quando,
barulho escutando,
atrás duma moita,
pretinho se afoita



e vai vêr o que é,
dizendo, sorrindo:
— « Jesú!... Que banzê
preto estar ouvindo!



Preto ser valente
e nunca ter medo
de gente.

Mas, ai, ao notar
um tigre deitado,
começa a gritar
como um desalmado.



Entanto, um colono,
após belo sono,
sob a rica pele
dum tigre, por êle



em tempos caçado,
com pasmo, depara
o rico tesouro
que o preto deixara.

Leitor, nota bem:
Lá diz um ditado
qualquer:



Guardado
está o bocado
p'ra quem
o há-de comer.

OS PONTEIRINHOS TEIMOSOS

Por FELIZ VENTURA

Um relógio colocado
na salinha de jantar,
deu-lhe um dia
na mania
de se pôr a desandar.

Mal o dono, furioso,
de novo o vinha acertar,
logo os ponteiros, chorando,
sua sorte lamentando,
diziam ao pai relógio:

—«Assim não queremos estar!
Nós queremos
só andar
como nos der na vontade!
Paizinho, dá-nos razão!
Deixa-nos ter liberdade!»

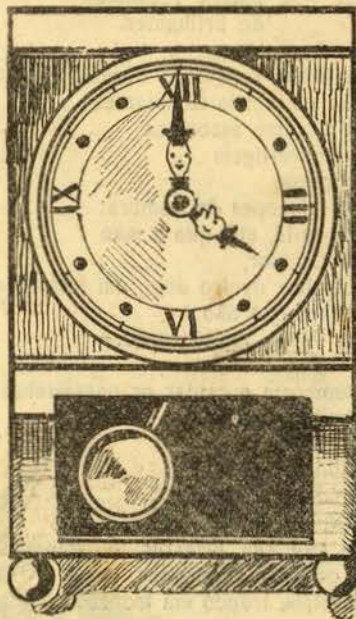
E o relógio, que era doído
pelos filhos graciosos,
os ponteirinhos teimosos,
dizia-lhes sempre assim,
com modos bem carinhosos:

—«Sim, filhos, tendes razão,
sois novos, quereis brincar...
Mas, ouçam, tenham cuidado!
Nunca faz bem abusar.»

Mas os meninos ponteiros
queriam lá, por ventura,
dessas coisinhas saber!
Queriam era brincar
e sem descanso correr.

Quando nos outros relógios
meio dia estava a dar,
certo e sabido, eram quatro
na salinha de jantar.

E os pequeninos ponteiros
que, em brincar, mal não viam,
irrequietos,
prazenteiros,
riam, riam, riam, riam
e saltavam,
e corriam.



Porém, o dono, zangado,
ao ver o relógio assim,
exclamava arreliado:
—«Tu fazes pouco de mim!
Mas, espera, que eu te arranjo!
Vou-te de novo acertar.
Quero ver se inda, outra vez,
hás de comigo brincar.»

Ora, não valeu de nada.
Mal êle voltou as costas,
logo os meninos ponteiros
renovaram, prazenteiros,
sua doída correria,
pois só queriam fazer
o que lhes apetecia.
E como na brincadeira,
o seu fraco, um mal não viam,
sem descansar um momento,
riam, riam, riam, riam,
e saltavam,
e corriam.

Meninos, quereis saber
o tremendo resultado
dêsses meninos ponteiros
tanto assim terem brincado?

Não vendo nunca horas certas
naquele pobre relógio
da salinha de jantar,
o dono, muito zangado,
à rua o mandou deitar.

Nunca mais lhe deram corda,
nunca mais o acertaram,
e os pequeninos ponteiros
nunca, nunca mais brincaram!
lá não riram!
Não saltaram!
Só choraram!
Só choraram!

Isto nos diz claramente
que é bom ser-se moderado.
Tudo o que é demais faz mal.
Nunca dá bom resultado.
Quem tudo quere, tudo perde...
Lá diz o velho ditado.

ADIVINHA

Amiguinhos:— Este cavalo era
montado por uma senhora que an-
dava a aprender equitação mas, a
certa altura, tomou freio nos den-
tes e atirou com a senhora a terra.
Vejam lá se a descobrem?



A SOLVA

POR AUGUSTO DE SANTA RITA

ROMPE a manhã na selva...
Tôda orvalhada,
a relva
parece recamada
de brilhantes.

Exuberantes,
as fôlhas verdes da floresta virgem,
dão estranhos cambiantes
de luz que assombra
e em vertigem
se perde
nas sínopes da Sombra...
Dir-se-ia, atê, que a mão
do Criador,
acendeu, dentro dela, um fósforo de cor;
dêsses que dão
luz verde, muito verde.

Começam a cantar os passarinhos...
Uma orquestra
de ninhos,
hábil, dextra,
saúda a Natureza...
Milhões de aves selvagens
de exóticas, bizarras, lindas penas
e garridas plumagens,
saltitam, tronco em tronco...

Ouve-se, quando em quando, um estranho ronco...
Em seus fojos já rugem as panteras,
onças, leões, antílopes, hienas
e outras feras.
Silvam serpentes, viboras e cobras,
dando ao corpo mil dobras,
mil trejeitos e esgares,
em busca de alimento.
Um gamo
surge, altivo, veloz, riscando os ares,
numa tal rapidez
que desafia o vento.

Macaquinhos, gorilas, chimpanzés
já saltam, ramo em ramo,
em doida guincharia...
Um leão, esfaimado, a juba sacudindo,
relanceia, guloso,
o cubiçoso
olhar...
E, numa correria,
persegue um macaquinho que, fugindo,
em louco sobressalto,
a guinchar, a guinchar,
sobe ao tronco mais alto.

Embora seja a imagem do Paraíso
aquela flora, exuberante e plena,
há nela, sempre, um instintivo aviso:
— «PRIGO DE MORTE!»
salve-se quem puder, pois, nesta arena,
vence o que fôr mais forte.
Um cheiro a seiva ubérrima, fecunda,
a terra húmida,
a sangue vivo, ardente
e a carne túmida,
impregna o ar, inunda
todo o ambiente.

Nisto, subitamente,
um pretinho com dez tropicais primaveras,
por estreitos caminhos,
entre o rugir das feras
e o suave trinar dos passarinhos,
atravessa, a cantar, a selva, conchado
em sua argúcia, no seu próprio instinto,
é um preto retinto,
um pretinho bronzeado.
Leva um facho na mão;
vai apagado
mas, ai, pronto a acender-se, qual cratera
à súbita, iminente aparição
dum tigre, dum leão,
duma pantera...

Entre o p'riço nascido
e entre o p'riço criado,
este pretinho não conhece o medo!

Risonho, ledo,
segue, cantarolando mgénuo mote;
é destemido
e ousado.
Por arma tem, unicamente, o arco e o flechete,
e, por trincheira, os troncos do arvoredo.

SÓ OS PARVOS SÃO VAIDOSOS

Por LEONOR DE CAMPOS

ALTIVO muito emproado, o senhor Altamiro não se dignava falar a tôda a gente. Apenas cumprimentava, na pequena vila em que vivia, as pessoas mais gradas: o senhor Administrador, o senhor Abade, os ricos proprietários, o médico...

Os outros era como se não existissem. Altamiro passava por eles... e nem sequer respondia à saúdação que lhe dirigiam.

Porque o senhor Altamiro era uma pessoa muito importante!... Tinha duas quintas, um solar antigo e um nome tão grande, que ninguém, por muito fôlgo que tivesse, era capaz de

pronunciar duma só vez sem descansar no meio.

Não acreditam? Pois bem. Vamos fazer a experiência. Eu escrevo o nome todo do senhor Altamiro. E vocês lêem-no dum jacto.

Combinado?

Então... tomem ar. Lá vai:

Altamiro Candido de São Boaventura Rodrigues de Mirandela e Brito de Sousa Magalhães Castro de Vasconcelos Carrapatoso e Menezes da Silva Noronha...

Basta!... Basta!... Já não podem mais, não é verdade? Pois ainda tinha cinco apelidos para juntar... É admissível, portanto, que dono de nome

tão descomunal, o senhor Altamiro se considere a mais ilustre personagem deste mundo...



Admissível para mim que o conheço. Além de ignorante e imbecil, é es-

túpido. E assim não há que estranhar, a altivez emproada do sujeito. Só as pessoas pouco esperas, pouco atiladas ou ignorantes, são vaidosas e desdenhosas.

Não é assim?

Ora o senhor Altamiro tinha um vizinho, homem culto e sabedor, inteligente e sensato. Mas não lhe falava, nem o cumprimentava, porque não o achava à altura das suas prosápias.

Certa vez, um conhecido de ambos, que detestava as basófiás de Altamiro e muito apreciava as qualidades do vizinho, perguntou àquêle:

— «Porque não fala você ao seu vizinho Renato?»

— «Porque nunca o vejo...» — respondeu o idiota, com ares superiores.

— «Não o vê? Agora mesmo passou junto de nós, eu cumprimentei-o e você voltou a cara...»



(Continua na página 7)

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



97

Político de evidência,
Foi, também, bom orador,
Defendendo as suas causas
Com um entranhado ardor.

Foi êle quem iniciou,
Com carinho sem igual,
Os grandes melhoramentos
Nas terras de Portugal.

Pôs o Caminho de Ferro,
Coisa de maravilhar,
Introduziu o telégrafo,
Estradas mandou rasgar.

O ensino, no seu governo,
Muito fez desenvolver,
Pois não há nada mais triste
Que viver sem saber ler.

Muito amando o seu país,
Só fez por engrandecê-lo.
Já deveis saber quem é...



98

Eis, agora, um grande actor
Que se tornou imortal
Pelo seu grande talento
Deveras excepcional.

Quando êle representava,
Fazia-o de tal maneira
Que tôda a coisa fingida,
Parecia verdadeira.

As plateias mais severas,
Pasmam sem custo fazia
E, com êle, tôda a gente
Ora chorava, ora ria.

Tinha voz tão doce e bela,
E rasgos tão geniais,
Que quem o visse um vez,
Não o esquecia jamais.

Honra, pois, ao grande artista,
Grande como poucos são!
Seu nome, todos o sabem:
Era



99

Militar valente e ousado,
E esforçado marinheiro,
Na Implantação da República
Foi, de-certo, êle o primeiro.

Quando, no cinco de Outubro,
A' doida se combatia,
Para derrubar o trôno
E a cansada monarquia,

Bastante êle se esforçou,
Com muito ardor combateu,
Mas teve um mau pensamento
Que de dôr tôdos encheu.

E' que, julgando perdida
A República já salva,
Encheu-se de dor profunda
E matou-se ao romper d'alva.

Não pensou que um peito ardente,
Vale mais que cinco ou seis!
Não será nunca esquecido
O bravo

O Prémio — (Continuação da página 1)

quero dizer que muito pode um grande coração. Por hoje pouco mais vos tenho a dizer.

Podem ir brincar. E na próxima semana me dirão o que cada um pensou e quanto se esforçou por espalhar o Bem.

* * *

Era, precisamente, êste o grande segredo dos pequenos. Uns achavam que tinham feito muito e que eram merecedores do prémio. Outro, mal encobriam a sua mágoa

por não terem podido fazer melhor. E todos êles estavam ansiosos por saber o que teriam feito os outros seus primos.

O tio, sem que os pequenos soubessem, tinha convidado a família tôda e deu, naquele dia, um ar de festa às quintas-feiras dos seus sobrinhos. Eis porque havia tanto alvoroço em casa do tio João.

Disposta a sala de visitas como para uma sessão solene, onde não faltaria o orador, ali se reuniram os pais, as tias, as primas e os primos dos «senhores» daquela festa.

(Continua na página 8)

SÓ OS PARVOS SÃO VAIDOSOS (Continuado da página 5)

—«Ora, ora!... Engano seu!... Não posso voltar a cara a uma pessoa que não vejo!... E ele é tão pequenino, tão insignificante que eu, mesmo que quizesse, não poderia vê-lo!...»

O interlocutor do senhor Altamiro ficou indignado com estas palavras. Cortou relações com ele, contando a algumas pessoas o motivo por que o fazia. Renato soube... mas calou-se e aguardou a justiça de Deus.

O verão, nesse ano, foi ardente e prolongado. Secavam os rios, estancavam as fontes, a terra ardia e os lavradores viam-se e desejavam-se para regar as suas hortas e pomares.

E um dia secou o riacho que abastecia de água a mais importante quinta do senhor Altamiro.

O homem desesperava-se, arrancava os cabelos, mas não conseguia fazer reaparecer a água.

—Que há-de ser de mim?!... — gritava ele. — Lá se vai toda a fruta, as hortaliças e os legumes!... Nem uma gota de água para reanimar tudo isto!... Que fazer?...»

Então o caseiro teve uma inspiração:

—«E se o fidalgo pedisse ao seu vizinho, o senhor Renato, para deixar regar a quinta com a água da mina dele?»

—Tu estás doido, homem! — exclamou Altamiro. — Então eu vou lá pedir favores àquêle insignificante!...»

—«Mas o senhor Renato...»

—«Caluda!... Nem mais uma palavra!... Antes quero perder a colheita!...»

Passaram-se dias. Continuava a seca. E o caseiro declarou terminantemente:

—«Ou a quinta é regada hoje ou amanhã tudo terá morrido!...»

Então o senhor Altamiro decidiu-se:

—«Bem. Visto que não há outro remédio, vai tu pedir água ao tal senhor Renato...»

Pouco depois o caseiro estava de volta:

—«O senhor Renato diz que isto não é assunto para ser tratado comigo... Se o fidalgo quiser ir a casa dele... os dois se entenderão...»

—«O quê? Ir eu a casa desse pequenitinho? Nunca!...»

—«Pois então, fidalgo, pode dizer adeus às hortaliças e às frutas...»

Altamiro estremeceu. Ainda lutou algum tempo com o seu orgulho. Mas por fim cedeu:

—«Está bem. Vou. Será a primeira vez que desço!...»

Daí a pouco apresentava-se em casa de Renato. A criada mandou-o logo entrar.

No seu escritório, por detrás duma secretária carregada de livros e papéis, muito encolchido na cadeira, o senhor Renato quasi só mostrava a ponta do nariz.

Contudo, Altamiro viu-o imediatamente. Mão estendida, sorriso amável nos lábios, dirigiu-se-lhe:

—«Meu caro amigo!... Como está?»

—«Mas... o senhor viu-me?» — interrogou lá do seu canto, o senhor Renato, sem se levantar, nem mexer um dêdo.

Altamiro fez-se desentendido. —«Ora essa? O meu amigo é como a luz. Onde está, vê-se logo!...»

Renato, enojado com tanta hipocrisia, levantou-se então. E desejoso de dar uma lição àquêle imbecil, retorquiu.

—«Gosto de o ouvir falar assim. Nunca pude acreditar nesses boatos que para aí corriam. Dizia-se que você era tão idiota, tão pedante, que só queria dar-se com personagens importantes... Você acaba de provar que isso é uma falsidade. Primeiro, vem a minha casa, a casa duma pessoa tão insignificante como eu, uma pessoa que nem se vê, pedir-lhe um favor. Depois trata-me com tanta amizade e camaradagem que me desvanee...»

Altamiro estava vermelho como uma lagôsta cozida.

—«Mas...» ia êle a falar.

Renato atalhou:

—«Não diga nada. Não é preciso. A mina está às suas ordens. Pode mandar tirar toda a água que quizer.

E não esqueça que só os idiotas são vaidosos. Os que têm senso nunca se envaldecem. Sabem que a riqueza, a beleza, o poder, a inteligência, são dádivas de Deus. E que, assim como as dá, as pode tirar, dum momento para o outro... Boa tarde!...»

F I M

HORA DE RECREIO

SECÇÃO CHARADISTICA—N.º 26—III Campeonato

RESULTADOS DO N.º 22

1 — Barata-bata; 2 — Laparo; 3 — Rebofo; 4 — Lobo; 5 — A mão no peito e o pé no leito.

PRODUTORES QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 2 — *Bêbê* (C. C. C.) — 12 votos
N.º 3 *Bêu* — 6 votos

N.º 5. de «Zé dos Anzóis», 5 votos; n.º 1, de «Bel & Zéca» 4; n.º 4, 2.

DECIFRADORES QUADRO DE HONRA

Tacos, Far, Pipocas, Pimpim, Nérito Arita, Sob-Chávena, Maridália, Fred Cachimbeque, Alfredo Matos, José Antunes Baptista, Adriano Reis, Tivo C, Martos, Pacatinha e Ezco Pais.
(Totalistas)

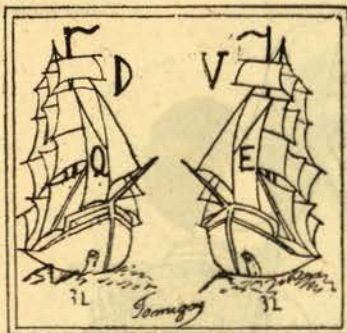
QUADRO DE MÉRITO

Carlos Filipe Cotter Moreira, Jorge A. Pereira, Rex, Zé Armando Jorge, Jaime Ferreira, Renato R. Paulo, Armando Garcia, Felix, Crisante Taborda, Zé Fernando e Zé de Arganil, 4; Delca, Artur de Melo Cabral e Bonina, 3.

Jasé Guelhas, 2.

ENIGMA PITORESCO

1 —



CHARADAS

NOVISSIMAS

2 — O meoñho aspecto da guerra faz-se perturbar. 2-1.

Piruçás

3 — E' com grande alegria que aquele a quem a tristeza ivachiu se vê desacompanhado dos que antes estimava. Deixai-o que isso o põe muito contente. — 3-1.

Príncipe Alex Kathehoff

4 — O que governa sem sofrimento é um bom administrador. — 2-1.

Rás Parda!

5 — Lá perdeu êle o objecto! Procure que encontra a ferramenta. — 2-2.

Rex

SINCOPADAS

(A «De Negro»).

6 — E' uma grande generosidade da tua parte ofereceres-me este liquede medicamentoso. — 3-2.

Nell (M. D. C.

7 — Quem não labuta não manduca. — 3-2.

Noémia

8 — Por seres bom servente é que és acreditado. — 3-2.

Odrande

9 — Por esta herança é muito esparto — 3-2.

Renato R. Paulo

10 — Como o vacicínio não agradou, prendetam a bruxa a uma argola. — 3-2.

Rucas

DUPLA

11 — Pulsação do coração alterada, não sendo doença, é paixão assolapada. — 4.

Pimpim

O PREMIO (Continuado da página 6)

Abriu a sessão, o grande amigo dos pequenos, o bonaceiro tio João, que disse coisas bonitas dos seus estudiosos sobrinhos. Contou aos papás, as espertezas do Alberto, as doudices do José, as saídas do Luiz, as ingenuidades da Mariazinha e os conselhos prudentes da prima Marta. E foi tudo tão bem contadinho, que, por fim, os papás, as primas e a própria pequena ria a bom rir.

Depois da anedota, do dito engraçado do tio João, houve um movimento de silêncio na sala. Ia principiar o interrogatório daquelas carinhas de segredo, para se saber qual delas mereceria o lindo prêmio que o tio destinara para o sobrinho que melhor compreendesse a sua lição de moral.

Dirigindo-se ao José, disse:

— «Tu, que és sempre o mais espontâneo no cumprimento dos vossos deveres, dize-me o que fizeste em auxílio dos nossos pobrezinhos.»

— «Eu distribuí dez maços de cigarros e algum tabaco, aos velhinhos que tanto gostam de fumar no seu cachimbo ou no seu cigarrinho — disse o José com ares de grande façanha. E acrescentou:

Este dinheiro tinha-o eu guardado para comprar coisas para mim.»

— «Está bem, está bem!»

Abanando a cabeça, o tio João prosseguiu o interrogatório.

Seguiu-se Marta que declarou ter dado cinco pares de piugas e dez pares de meias, com o dinheiro que a mamã lhe costumava dar para os bólos e que ela juntara para os pobrezinhos. Ao dizer isto, fez-se coradinha, não fêzo o tio chamar-lhe gulosa.

O Alberto, que estava impaciente por desabafar o seu segredo, adiantou-se e disse:

— «Olhe, tio! Eu comprei umas «sapatas» com o dinheiro que o meu padrinho me deu no dia dos meus anos, para comprar uma bola grande para me «treinar» com o Luiz ao foot-

ball» e fui levá-las ao velhote da água furta-da, que ficou tão contente que me até me beijou as mãos.»

E o interrogatório continuou até ao último dos so-

brinhos do tio João que, bondosamente, sorria de felicidade, porque nem todos os tios têm sobrinhos tão bonzinhos como ele.

A última, pois, foi a Mariazinha que parecia esconder-se atrás dos primos.

O tio percebeu e perguntou-lhe:

— «E tu, o que fizeste Mariazinha?»

— «Eu, nada! A mamã não tinha dinheiro! Eu não podia dar nada; mas queria pedir ao tio um favor.»

— Dize lá o que queres!

— «Eu, ontem, quando sai do colégio, entrei no cubículo da minha escada, onde mora a porteira e a mãe, que é uma pobre velhinha. Coitadinha! Estava tão doente que me deixei lá ficar um bocadinho. Tinha tudo tão mal arranjado! Tão pobrezinho, que me deu pena.»

Conversei com a velhota, ajudei a filha a arrumar-lhe o quarto e prometi pedir ao tio João que mandasse ao pobre cubículo da velhinha, o médico para a ver e tratar. Elas ficaram tão contentes, as pobrezinhas, com a minha visita e a minha promessa, que só me diziam:

— «Meu anjo, Deus vos abençoe!»

Todos tinham os olhos fixos na Mariazinha, que terminou a sua narrativa com os olhinhos rasos de lágrimas.

De novo, o silêncio reinou naquela sala.

— «Pois bem, diz o organizador desta linda festa — qual dentre os meus sobrinhos, merece o prêmio?»

— «É a Mariazinha!» — responderam todos, grandes e pequenos.

— «Mas eu não fiz nada! Não dei dinheiro nenhum!»

— «Com efeito, minha querida Mariazinha, disse o tio João, não deste dinheiro, não fizeste o sacrifício duma guloseima, dum passeio, dum brinquedo, mas fizeste melhor. Levaste, com a tua presença, com a tua promessa, alegria a uma alma de velhinha. Fôste um lindo raio de sol que entrou, nesse dia, no pobre cubículo da doente. É essa a melhor forma de exercer a caridade. És bem merecedora do prêmio.»

— «Viva a Mariazinha!» — gritaram, sem despeito, todos os sobrinhos do tio João.

